



## **A LUTA DAS CLASSES E PARTIDOS NA LINGUAGEM DA GRANDE REVOLUÇÃO FRANCESA**

Konstantin Nikolaevich Derzhavin

**Resumo:** O artigo tem por objetivo mostrar os reflexos que a Revolução que se deu de 1789 a 1793 teve na língua francesa. Seguindo uma análise mais extensa do fenômeno feita por Paul Lafargue (1842-1911), o texto mostra que a língua se adapta aos acontecimentos sociais, praticamente em todos os níveis. Entre eles temos a introdução de neologismos, a ressignificação de palavras já existentes, a intensificação no uso de determinados padrões de construção como, por exemplo, a intensidade no uso do prefixo *dé-* (des) e dos sufixos *-eur* (-or).

**Palavras-chave:** Revolução, neologismos, evolução linguística, adaptação linguística.

**Abstract:** The objective of the article is to point out some influences of the 1789-1793 Revolution in the French language. In the same line of a previous and more extense analysis done by Paul Lafargue (1842-1911), the essay shows that the language adapts to the social upheavals practically at all levels. Among them there are many neologisms, change of meanings of already-extant words, intensification of the use of some patterns of construction as, for instance, the intensive use of the prefix *dé-* (de-) as well as of suffixes like *-eur* (-or, -er).

**Keywords:** Revolution, neologisms, language evolution, language adaptation.

Como importante meio para a organização da consciência de classe daqueles que de alguma forma fazem parte das peripécias da luta social do século revolucionário (1789-1793), a língua reflete a Revolução como se vê no modo de se expressar do falante da Assembleia Constituinte, nas réplicas dos heróis do teatro patriótico, nas canções satíricas de rua, no como elas se envolveram nas possibilidades de comunicação visando a polêmica, propaganda, reforço, engajamento e desmascaramento.

A língua servia sobretudo aos objetivos imediatos da luta revolucionária, e esse seu por assim dizer papel oficial era enorme. Grande era também seu papel não oficial, ou seja, o de refletir a Revolução, possibilitar a simples comunicação quotidiana nas condições da realidade revolucionária. A força original da língua corria paralela à força original da

Revolução. Criatividade linguística caminhava lado a lado com criatividade social e política.

Para designar novos conceitos surgiam novas palavras. O dia a dia dos anos revolucionários gerou novos termos. As novas condições sociais alteraram os significados das palavras. Ao ponto de o vocabulário ter sido não menos fortemente renovado do que o direito civil, o sistema de circulação da moeda ou a organização do exército.

A Revolução levou a um aburguesamento completo da língua francesa, sem dó nem piedade, a sua completa assimilação da realidade social, sua subordinação a determinadas exigências de classe. À língua "monárquica" foi contraposta a língua "republicana". A primeira não era mais apropriada harmônica e estilisticamente como a de 1694, época da primeira edição do dicionário da Academia, ao qual se contrapôs o dicionário da Revolução. A sensação de que as ideias e o conteúdo ideológico da época teriam mudado tanto, de que o âmbito do sistema linguístico acadêmico, de que as concessões benevolentes a "termos da ciência, arte e indústria" foram dadas, tudo isso veio à tona.

Durante a Revolução, cada partido e cada classe depositaram no termo geral *liberté* (liberdade) os próprios conteúdos ditados pelos interesses da luta social, interesses que se desviavam com bastante força das explicações gerais, como, por exemplo, as do dicionário da Academia de 1694 ("em relação à cidade ou ao campo – forma de governo em que a maior força do povo se mostra").

O termo *égalité* (igualdade) era explicado pela edição do dicionário anterior à Revolução meramente como conceito para igualdade correlativa de duas ou mais coisas. Após a Revolução e nos anos imediatamente antes dela, ele passou a ser um termo com conotações político-sociais, que na linguagem revolucionária tem um papel não menor do que o termo *liberté*.

As palavras vêm e vão de acordo com os acontecimentos políticos e com a dialética da luta de classes do século revolucionário. Isto é a primeira manifestação da não aceitação da herança lexical do passado. A segunda manifestação consiste em contrapor novas formas vocabulares às antigas. As novas manifestações mostram que as categorias antigas não foram propriamente abandonadas por completo, mas revistas, refundidas e reorganizadas.

Sem sombra de dúvida aqui tivemos uma adaptação às novas categorias na consciência das massas, adaptação que pode ser vista nos nossos dias na introdução do sistema métrico na URSS.

Se olharmos para as novas palavras introduzidas pela Revolução e para as inovações vocabulares revolucionárias, notaremos que se faz necessário apontar várias circunstâncias que são decisivas para um julgamento correto desse momento da língua revolucionária. O curto espaço de tempo, no qual um neologismo qualquer nem sempre pode ser atribuído a uma data histórica precisa, foi naturalmente decisivo. Um segundo problema é a quantidade de dados. O valor e a função de um neologismo, sobretudo a função determinada pela classe social, só podem ser determinados em contexto. Lendo os documentos da época encontramos neologismos em cada frase, em cada linha. Se quisermos determinar sua abrangência, é preciso pesquisar todos os discursos no parlamento, todas as revistas, os protocolos de decisões judiciais e partidárias, as ordens militares, os atos da chancelaria, as canções de rua revolucionárias. Necessário se faz também analisar o vocabulário das cerca de 2.000 peças teatrais surgidas nos dez anos da Revolução. Completamente não investigado, por infelizmente não poder ser recuperado nos dias atuais, está o vocabulário da "quarta categoria", da massa parisiense. Sua linguagem retratada nos documentos diários da época, sobretudo nos inacessíveis arquivos de decisões judiciais que, mesmo que desfigurados, podem ser mantidos. A terceira circunstância, finalmente, é a dificuldade de determinar precisamente – pelo que se tem até agora –, se a palavra em questão é realmente nova ou apenas uma nova interpretação de uma velha expressão. A rigor, muitos exemplos que apresentamos no trabalho sobre significação das palavras e também no que foi dedicado aos neologismos – uma vez que ao que parece foram assim interpretados –, foram do mesmo modo rejuvenescidos com sua introdução no uso linguístico. Por outro lado, muitos neologismos não passavam de velhas palavras de especialidades profissionais revividas, com um espectro de uso limitado, mas que por diversos motivos podem adquirir âmbitos de uso mais amplos.

A designação 'neologismo' da época da Revolução precisa ser entendida em uma concepção de material vocabular bastante variegado. Sua presença e inovação deve ser determinada preponderantemente de acordo com sua avaliação social.

Com o objetivo de refletir uma ideia geral da criatividade linguística da Revolução, registramos aqui algumas configurações vocabulares revolucionárias típicas, tematicamente ordenadas.

O terror revolucionário deu lugar às palavras *térrorisme* (terrorismo) e *terroriste* (terrorista), que se juntaram à própria palavra *terreur* (terror), que adquiriu uma nova

significação, levando as duas outras consigo. As execuções em massa de 2 e 3 de setembro de 1792 levaram às novas expressões *septembriser* ("setembrizar") (= ajustar as contas com o inimigo do povo), *septembriseur* (inspirador do acertador de contas) e *septembrisade* (acerto de contas); dos afogamentos em Nantes e Savenay surgiu a designação *les noyades* (os afogamentos); os fuzilamentos após o controle do levante de Lyon em 1793, deu *les mitraillades* (as metralhadas). É claro que a palavra *guillotine* (guilhotina) também não pode ser deixada de lado, originária do nome do membro da assembleia constituinte, doutor Guillotine, que inventou o instrumento de execução em 1789. Dessa palavra vieram os derivados *guillotiner* (guilhotinar) e *guillotineur* (guilhotinador).

Como vestígio lexical das canções surgidas na Revolução francesa encontram-se *Carmagnole* e *Marsellaise* (marselhesa). A *Carmagnole* recebeu esse nome da pequena cidade de Carmagnola de Savoy. A palavra designa não apenas a bem popular canção, mas também seu cantor, além de ser um sinônimo de *sansculotte* (sem ceroulas). *Carmagnole* era outrossim o casaco que os companheiros parisienses, os operários etc. usavam, ou seja, aqueles dos quais em grande parte se recrutavam os *carmagnoles* e os *sancullotes*.

A própria canção chamava-se *carrillon national* (carrilhão nacional). Interessantemente, sua melodia originou-se de uma canção provençal de que Maria Antonieta gostava muito. A Marselhesa levou o adjetivo *marsellaise* (marselhesa) a adquirir a conotação revolucionária de 'revolucionário, patriótico'.

Todos os neologismos introduzidos são, como não é difícil de reconhecer, produtos da realidade revolucionária. Todos eles têm a ver, de um modo ou de outro, com o cotidiano revolucionário ou com a organização ou a economia revolucionária, a guerra revolucionária, o terror etc. Elas revelam também alguns pontos de vista de classe, uma vez que até mesmo um termo neutro como *publiciste* (publicista) tinha antes uma significação mais precisa do que hoje e foi intimamente associado a socialidade (*Gesellschaftlichkeit*) e serviço à sociedade. Um trabalhador dos jornais reais não se chamava "publicista", nem quando escrevia sobre os mesmos temas que os trabalhadores dos jornais burgueses.

Tais neologismos refletem de modo imediato os acontecimentos revolucionários e a luta das forças revolucionárias da França. Mais exemplos ainda podem ser relacionados à evolução da Revolução Francesa em todos os detalhes de sua luta partidária e grupal.

Os neologismos que não têm muito a ver tematicamente com os interesses do dia a dia têm uma nova significação, no caso, as inovações vocabulares cujo sentido não se refere diretamente a algum aspecto da realidade revolucionária, mas que, apesar disso, são produtos da Revolução. Trata-se de muitos verbos e adjetivos que, a despeito de não terem uma significação sócio-política específica, encontram-se no contexto imediato da obra da Revolução.

Eis alguns exemplos:

O verbo *abominer* (abominar) aparece como sinônimo mais forte e incisivo de *détester* (detestar); o verbo *activer* significa 'acelerar'; *agitable*, 'discutível'; *agrémenter*, 'adornar'; *agressif*, 'agressivo'; *approximatif*, 'aproximativo'; *baser*, 'fundamentar'; (*établir*, 'fundar, instituir'; *fondeur*, 'aquele que estabelece a base'); *caméléoniser/caméléoner*, 'mudar de orientação política'; *se caméléoniser*, 'adequar-se, aderir a'.

Será que a força social originária não imprimiu sua marca revolucionária inclusive no que diz respeito aos modos de formação das palavras?

No que diz respeito aos modos de formação de palavras, é claro que eles refletem a luta da força revolucionária originária, influenciando a semântica e o vocabulário da época de modo bastante intenso e duradouro.

Sobressaem-se principalmente inúmeros novos verbos, tradição que o romantismo francês seguiria mais tarde. Isso não se deu por acaso. A dinâmica da Revolução e sua força destrutiva e construtiva forçaram a introdução de muitos verbos novos. Entre eles estão em primeiro lugar os que têm a terminação *-iser*, que sabidamente indica o processo pelo qual um objeto adquire uma propriedade distinta. Aqui encontram-se construções como *centraliser* (centralizar), *athéiser* (ateizar), *mobiliser* (mobilizar), *nationaliser* (nacionalizar), *démocratiser* (democratizar). Esses verbos emergiram na pena de jornalistas ou na boca de falantes e espelhavam em grande parte o estilo da linguagem da agitação e da propaganda, marcando os acontecimentos como eles correspondiam aos interesses das classes que faziam a Revolução.

No que se refere à prefixação nos verbos, salta especialmente à vista a tenacidade e a frequência com que o prefixo *dé-* (*des-*) foi usado: *démoraliser* (desmoralizar), *dépopulariser* (despovoar), *défédéraliser* (desfederalizar) etc. Isso mostra antes de tudo que a Revolução deixava de lado a herança monárquica, feudal e clerical do passado. Por outro lado, a tradicional partícula negativa *dé-* revela algo de positivo na boca dos patriotas. A força originária do negar sem dúvida se confundiu e se misturou com a força

originária da afirmação. Na boca dos patriotas, todas as construções em questão significavam não apenas destruição, mas também construção. O verbo *démonarchiser* (desmonarquizar) se tornou sinônimo de *républicaniser* (republicanizar); o verbo *désanoblir* (desenobrecer) foi o precursor de *sans-cullotiser* (tornar-se *sans-cullote*). Na primeira fase da Revolução, os verbos com o prefixo *dé-* apontavam para a incipiente renovação e reorganização das relações sociais e corporativas. Eles representavam uma fase de transição para a criação de novos verbos, que surgiam no contexto das exigências políticas e econômicas das classes que se encontravam no leme da Revolução, a fim de impor seus objetivos sociais e políticos. No caso da construção de substantivos e adjetivos as coisas se deram de moto bem diferente. Aqui tudo se mostrou de modo mais preciso do ponto de vista social.

As construções criadas pelo povo (*compositions populaires*) encontram-se sobretudo no domínio do cotidiano e das experiências das massas. Assim, encontramos o sufixo *-eur* (-or) por exemplo em *affameur* (açambarcador de gêneros alimentícios), *guillotineur* (guilhotinador), *enrichisseur* (novo rico) etc.

Com essas breves observações encerramos a análise da linguagem da Revolução, melhor dizendo, do reflexo linguístico da luta das classes e dos partidos revolucionários, mediante os quais a burguesia francesa preparou o caminho para plena liberdade econômica e política.

A linguagem da Revolução Francesa está imediata e inextricavelmente imbricada na luta social e de classe da época. Ela não é apenas seu reflexo, mas também sua arma imediata. Tomemos a relatividade de diversos termos correntes ou a obsolescência de antigos e o surgimento de novas palavras: por trás de todos eles notamos de um modo mais ou menos nítido os interesses de classe e a luta das forças sociais que a tudo estimula.

A época da Revolução foi de grande mudança de valores na história da língua francesa. Ela foi também de construção, de valorização do emocional na linguagem da jovem burguesia que preparou seu caminho na direção do século XIX na luta por sua predominância social, inclusive por meios linguísticos: com frequência de modo revolucionariamente patético, às vezes com ironia demolidora; às vezes propondo o ideal da linguagem tecnicamente prática da filosofia, amiúde perturbada por contradições semânticas. A língua francesa do século XIX surgiu dessas contradições, anunciando a precisão e exatidão objetivas do racionalismo burguês juntamente com a força originária

da sentimentalidade subjetiva e individualista já anunciada por Rousseau, o patrono da revolução burguesa.

**Nota**

\*Konstantin Nikolaevich Derzhavin (1903-1956): estudioso de língua e literatura espanhola e francesa e, a partir de 1945, de cultura eslava. Foi membro da Academia Búlgara de Ciências. Texto traduzido do alemão por Hildo Honório do Couto).

Ecolinguística: Revista Brasileira de  
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 4, n. 2, 2018.